

## ARTIGO

# TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA ÉTNICA E MEMÓRIAS ÉTNICAS DE UM TERRITÓRIO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS ITALIANOS NA ARARAQUARENSE NOS PRÓSPEROS ANOS DA DÉCADA DE 1920\*

OSWALDO TRUZZI

Professor Titular Sênior do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da  
Universidade Federal de São Carlos (PPGS-UFSCar) e pesquisador 1A do CNPq.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9046-5092>

**RESUMO:** A memória é uma construção social e, como tal, sujeita a contínuas ressignificações. Como argumentaram Halbwachs e Pollak, desde logo pode-se observar o trânsito e a fluidez dos conteúdos do que merece ser lembrado. O presente trabalho busca analisar as representações sociais dos italianos no contexto de um território, a chamada região da Araraquarense, servida pela ferrovia de mesmo nome. Para tal, analisaremos os conteúdos de dois álbuns distintos, produzidos nos anos 20 do século XX, quando a região experimentava seu auge cafeeiro. Procuraremos responder: a) que representações estavam na época predominantemente associadas aos italianos na região, b) que elementos de ancoragem destas representações foram selecionados (e quais foram elididos) pelos organizadores das publicações, no sentido de produzir uma memória étnica coletiva sobre o grupo, materializada nos álbuns, c) que diferenças existem entre os diferentes álbuns e como tais diferenças podem ser explicadas?

**PALAVRAS-CHAVE:** imigração italiana, memória, representação social, Araraquarense, São Paulo

# TERRITORIES OF ETHNIC MEMORY AND ETHNIC MEMORIES OF A TERRITORY:

## SOCIAL REPRESENTATIONS OF ITALIANS IN ARARAQUARENSE IN THE PROSPEROUS 1920S

**ABSTRACT:** Memory is a social construction and, as such, subject to continuous resignifications. As Halbwachs and Pollak argued, one can immediately observe the transit and fluidity of the contents of what deserves to be remembered. The present work seeks to analyze the social representations of Italians in the context of a territory, the so-called Araraquarense region, served by the homonymous railway. We will analyze the contents of two different albums, produced in the 1920s, when the region was experiencing its coffee boom. We will seek to answer: a) which representations were at the time predominantly associated with Italians in the region, b) which anchoring elements of these representations were selected (and which were elided) by the organizers of the publications, in order to produce a collective ethnic memory about the group, materialized in the albums, c) what differences does exist between the two albums and how can such differences be explained?

**KEYWORDS:** Italian immigration, memory, social representation, Araraquarense, São Paulo

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v81p87-113>

Recebido em: 14/08/2024

Aprovado em: 20/11/2024



## Introdução

A visão clássica, tradicional, da relação entre História e Memória é que a primeira era escrita para manter viva a memória dos grandes feitos e fatos, numa espécie de luta permanente contra a corrente do tempo, que tudo arrasta para as profundezas do esquecimento. Com o tempo, porém, tal relação passou a ser questionada, dada a necessidade de se levar em conta o processo de seleção e interpretação dos “fatos memoráveis”, processo este condicionado pelo meio social.

Assim é que o sociólogo durkheimiano Maurice Halbwachs argumentou serem os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é “memorável”, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com acontecimentos públicos de importância para seu grupo. Chegam a “lembrar” muito do que não viveram diretamente: uma notícia de jornal às vezes torna-se parte da vida de uma pessoa (Burke, 2000, p.70). “Recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação” (Halbwachs, 2006, p. 29). Para Halbwachs, a memória não é obra de indivíduos isolados. A memória apresenta para ele um caráter relacional, derivada da interação entre os indivíduos e é, nesse sentido, produto de uma construção social. Desde logo pode-se observar o trânsito e a fluidez dos conteúdos do que “merece ser lembrado”. Estes normalmente guardam alguma base de aderência à realidade social, mas são também selecionados e distorcidos por agentes interessados em propor narrativas sobre determinada experiência social, que alimentarão um processo de (re)construção de memórias.

Como argumentou Halbwachs, apenas cristalizam-se em nossa memória os elementos constantemente reativados por portadores de significado e valorização coletivas. Mas a depuração de uma memória coletiva, acrescenta, é influenciada pela estrutura de poder vigente em uma determinada sociedade à época em que os fatos são rememorados, ora reafirmando-a, ora reconstruindo-a. “Essa contribuição fornece elementos para uma história das comemorações. Ao pesquisar as imagens nas quais os atores históricos representam o mundo, os historiadores podem identificar as

estruturas de imaginação coletiva e o poder do grupo social que as criou”, observou a historiadora Marieta de Moraes Ferreira (2002, p. 321).

Por outro lado, a memória interessa como fonte histórica, daí o renovado interesse pela história oral. A memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre as gerações. Ela pode ser trabalhada como mediadora entre nossa geração e as testemunhas do passado. Através dela, transmitem-se conteúdos, valores, atitudes – a carne de uma cultura. Ela é o intermediário informal da cultura, distinta de mediadores formalizados, constituídos pelas instituições (governo, escola, igreja, partido político, etc). Tem a vantagem de poder fazer emergir pontos de vista contraditórios, diferentes, ao contrário, por exemplo, de uma fonte institucional.

Pollak (1989, 1992) explorou esse ponto para estabelecer uma relação de oposição entre memória individual (subterrânea) e memória coletiva (oficial). Segundo esse autor, “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância das memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”. A memória coletiva seleciona e enquadra elementos da História (e da própria memória individual), armazenando-os em museus, arquivos, bibliotecas, edifícios, monumentos etc., constituindo um patrimônio coletivo que nos informa a respeito de como foi construída a memória oficial. A memória subterrânea, ao contrário, nutre-se de vivências próprias, individuais ou minoritárias, que esboçam uma espécie de tensão permanente frente às imagens coletivas e oficiais.

Mas há evidentes relações, de caráter dialético, entre ambas. De um lado, a memória coletiva se alimenta das memórias individuais. O pesquisador que trabalha com história oral, por exemplo, se vale das memórias individuais de seus colaboradores para aclarar, confirmar e, por vezes, subverter, a memória coletiva, a interpretação oficial acerca de um determinado fenômeno. Por outro lado, como sustentou Halbwachs, a memória coletiva é o sustentáculo da memória individual: “só nos lembramos de algo porque reencontramos, nos quadros da memória social coletiva, o lugar dos eventos passados que nos interessam” (Halbwachs, 2006, p. 278-9). O indivíduo evoca assim suas lembranças valendo-se de quadros da memória social.

Para nossos fins, os diversos grupos que compõem a sociedade são capazes, a cada instante, de reconstruir seu passado. Porém - e isso é muito

importante -, ao mesmo tempo em que o reconstruam, também o deformam, pois a memória opera seletivamente, segundo uma reconstrução que se faz no presente, influenciada pela atualidade, pela condição atual do indivíduo (ou de um determinado grupo) e de seu tempo. Por causa disso, dirão os historiadores, a memória oral exige uma apreciação, uma crítica da confiabilidade das reminiscências, a conflagração entre fontes distintas, do mesmo modo pelo qual se aprecia qualquer documento histórico. Sarlo (2007) se referirá ao caráter discursivo da constituição mnemônica. Em resumo, as memórias sociais, quaisquer que sejam suas origens, apresentam um caráter duplo: de um lado, são tradições ou lembranças coletivas, mas são também ideias ou convenções que resultam do conhecimento e dos interesses do presente.

A memória deve assim ser encarada ela própria como fenômeno histórico. Cabe aqui, portanto, se falar em uma história social do lembrar. Já que a memória é seletiva, é preciso identificar seus princípios de seleção, como estes variam espacialmente (de um lugar para outro), socialmente (de uma classe ou grupo social para outro) e cronologicamente (de uma época à outra) - como ela entra em disputa (Pollak, 1989, p. 4).

O presente trabalho busca analisar as representações sociais dos italianos no contexto de um território, a chamada região da Araraquarense, no extremo noroeste paulista. Para tal, analisaremos os conteúdos de dois álbuns distintos, produzidos nos anos de 1920, aqui entendidos como 'lugares de memória', no sentido que Pierre Nora emprega o termo: "toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer (Nora, 1997, v.2, p. 2226). A metodologia utilizada na análise documental dos dois álbuns busca identificar as principais características atribuídas aos italianos nas duas publicações, analisando seus sentidos de construção (seja de reforço ou apagamento) de uma memória, tanto do grupo, quanto do território.

Procuraremos responder: a) tais lugares remetem à memória do quê ou de quem e potencializam quais projetos ou identidades; b) que representações estavam na época predominantemente associadas aos italianos na região; c) que elementos de ancoragem destas representações

foram selecionados e elididos pelo “trabalho de enquadramento”<sup>1</sup> (Pollak, 1989, p. 9) dos organizadores das publicações, no sentido de produzir uma narrativa étnica coletiva sobre o grupo, materializada nos álbuns; d) que similaridades e diferenças existem entre os diferentes álbuns e como podem ser explicadas?

Tal esforço se insere no sentido de buscar inquirir sobre o “trânsito de construções sociais acerca do italiano” (Zanini, 2007, p. 523), acionadas por narrativas de agentes sociais interessados em influenciar (de modo positivo ou negativo) a visibilidade e a valoração das trajetórias do grupo (Truzzi, 2015, p. 18).

### **A região sob análise e a presença dos italianos**

A chamada região da Araraquarense, cujo eixo principal foi constituído pela Estrada de Ferro Araraquara (EFA) estende-se no rumo noroeste da cidade de mesmo nome. Freguesia de Piracicaba em 1817, Araraquara constituiu uma antiga “boca de sertão”, referida por Sergio Milliet como uma “exceção aventureira” (Milliet, 1939, p. 52), sendo reconhecida como vila em 1832, mais de meio século antes de se integrar à rede ferroviária paulista, em 1885.

A EFA começou a ser construída dez anos depois, visando São José do Rio Preto, e em ritmo irregular, obstada pela depreciação dos preços do café no último lustro do século XIX. Os trilhos atingiram Matão em 1898, Taquaritinga em 1901 e finalmente Rio Preto em 1912, onde permaneceram estacionados por 21 anos. Em parte tal atributo de “ponta de trilhos” por um período prolongado conferiu a Rio Preto a característica de se desenvolver como importante polo comercial para uma vasta área que se estende mesmo além dos limites do estado, aglutinando a produção de mercadorias produzidas na região a serem comercializadas e, ao mesmo tempo, distribuindo as mercadorias trazidas da capital.

Consta que os primeiros sitiantes da região onde se situa Rio Preto eram mineiros vindos de Paraguaçu, que iniciaram cultivos de subsistência na região já nos anos de 1840. Uma capela, associada ao patrimônio que originou

---

<sup>1</sup> Isto é, de constituição e formalização das memórias.

a cidade, foi construída em 1852 e a incipiente povoação foi reconhecida como distrito de Araraquara três anos depois. Em 1867, com a emancipação de Jaboticabal (antes também distrito de Araraquara), Rio Preto passou a ser distrito daquela cidade. Em 1879 o núcleo passou a ser reconhecido como freguesia. A emancipação tardou mais 15 anos e ocorreu em 1894 (Agostinho, 2002, p. 267). Uma década depois, o município passou a sediar a Comarca da região, provavelmente instalada com o objetivo de refrear os constantes conflitos de terras que por ali se desenvolviam de modo violento.

A Araraquarense se constituiu como uma zona intermediária entre as áreas mais antigas do Oeste Paulista, cobertas pelas ferrovias Mogiana e Paulista, e as mais novas a oeste, como a Alta Sorocabana e a Noroeste (Holloway, 1984, p. 41). Luna e Klein apontam que na safra de 1905-06 a Mogiana era a principal produtora, seguida pela Baixa Paulista. Entretanto, a partir dos anos 20, a produção cafeeira da Araraquarense já superava a da Baixa Paulista e a partir da safra de 1926-27 também passou a superar a da Mogiana. O primado da Araraquarense como região cafeeira mais produtiva do estado se estendeu por cerca de uma década, até a safra de 1935-36, quando a região Noroeste a sobrepujou (Luna e Klein, 2019, p. 182).

Mapa 1 – Divisão regional do estado de São Paulo, com destaque para a Araraquarense, 1920



Fonte: Elaboração de Thiago Bonatti

Antes da construção da ferrovia, a zona da Araraquarense era em grande parte território inexplorado, contando com apenas três municípios em 1886, número que cresceu para 24 em 1920 e 36 em 1934. Como sói ocorrer, a ferrovia viabilizou o cultivo do café para a exportação: o número de pés de café decuplicou entre 1886 e 1920 e aumentou mais três vezes e meia nos 14 anos seguintes. A população também cresceu vertiginosamente: de 43 mil habitantes em 1886, aumentou mais de 13 vezes até 1920 (580 mil) e mais uma vez e meia até 1934, perfazendo nesta data quase 900 mil habitantes (Milliet, 1939, p. 60-61).

O incremento populacional foi favorecido pelo afluxo de muitos imigrantes estrangeiros e também de migrantes internos, ambos demandando novas oportunidades que a região passou a oferecer. Entre os estrangeiros de Rio Preto, Almeida observou que “o imigrante, quando chegou a Rio Preto, já compreendia o português. Não veio diretamente de seu país. Só alguns sírios e, mais tarde, os japoneses. As etnias de maior densidade, a italiana, a espanhola e a portuguesa, tinham passado em outras zonas” (ALMEIDA, 1943, p. 184). Brandi reitera que a grande maioria imigratória estabelecida em São José do Rio Preto (...) é oriunda de quatro regiões: Ribeirão Preto, Jaboticabal, Araraquara e São Carlos” (Brandi, 2012, p. 389).

O censo de 1920 registrou um total de mais de 130 mil estrangeiros em toda a Araraquarense, o que representava 22,3% do total da população. Dada a circunstância de se tratar de uma zona nova que recebeu muitos imigrantes que passaram por outras zonas mais antigas do estado, é razoável se supor que também houvesse na região muitos filhos de imigrantes nascidos no Brasil e, portanto, computados como brasileiros.

Os italianos constituíam a colônia mais significativa, pois respondiam por metade dos estrangeiros, enquanto espanhóis e portugueses por cerca de 31% e 11%, respectivamente. Embora os italianos tivessem inaugurado a imigração em massa para São Paulo e afluído de modo vigoroso para as regiões da Mogiana e da Paulista até 1902, quando o governo italiano proibiu a imigração subsidiada, os peninsulares também estiveram bastante presentes na Araraquarense, seja porque acompanharam, como colonos, a marcha do café para as regiões novas, seja porque já chegaram a estas capitalizados, tornando-se pequenos proprietários (Truzzi e Volante, 2021, p. 27).



Como mencionado, o auge econômico da Araraquarense se inicia em meados dos anos 20 e se prolongou por cerca de uma década, até a marcha do café seguir seu percurso, no rumo de outras zonas mais novas. Os dois álbuns aqui analisados celebram, cada um a seu modo – etnicamente e territorialmente -, esse auge. Vamos apresentá-los em seguida.

### ***G'Italiani dell'Araraquarense***

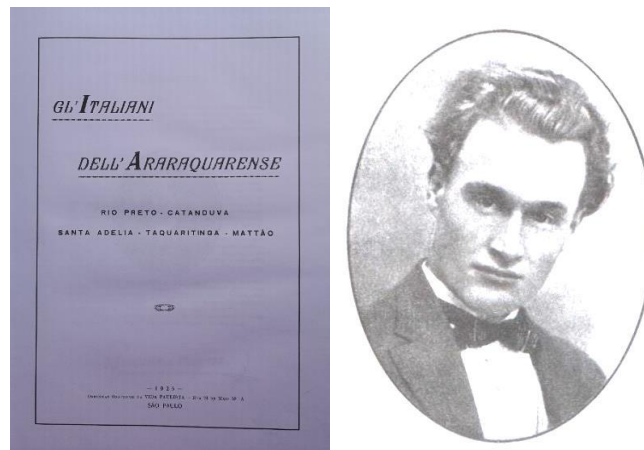
Publicado originalmente em 1925 sob os auspícios da *Società Cesare Battisti di Rio Preto* e organizado por Federico Corinaldesi<sup>2</sup>, o Álbum *G'Italiani dell'Araraquarense*, escrito em italiano, foi concebido como uma edição comemorativa da visita do General Pietro Badoglio a São José do Rio Preto, ocorrida em meados de 1924.

Inicialmente hostil ao fascismo, Badoglio aderiu ao regime em 1922, quando foi designado embaixador da Itália no Brasil. Consciente da importância das colônias italianas na Argentina, Brasil, Uruguai e Chile, o regime fascista buscava aumentar sua influência nesses países por meio da visita do príncipe herdeiro Umberto de Savoia, planejada para julho de 1924. Assim, entre o final de maio e início de junho, Badoglio se incumbiu de sondar e preparar a visita, empreendendo viagens a algumas cidades do interior paulista, entre elas Jundiaí, Piracicaba, São Carlos, Ribeirão Preto, Catanduva e São José do Rio Preto. Não obstante, a visita do príncipe herdeiro limitou-se no Brasil à Salvador, abortada por razões de segurança em virtude da eclosão em 5 de julho da Revolução de 1924 em São Paulo. Em junho do ano seguinte, de retorno à Itália, Badoglio foi nomeado Chefe do Estado Maior do Exército Italiano.

---

<sup>2</sup> Jornalista, nascido em Jesi, província de Ancona, em 1883.

Figura 1 - Página de rosto da obra *Gl'Italiani dell'Araraquarense* e Romoaldo Negrelli, seu idealizador



Fonte: Corinaldesi, 1925, p.1 e 14.

Como mencionado, a iniciativa da publicação partiu da associação italiana local, fundada em 1920 por Romoaldo Negrelli, nascido em Ribeirão Preto, mas que havia acompanhado, ainda criança, sua família que retornara à Itália. Lá formou-se em Ciências Econômicas e combateu na Primeira Guerra, quando obteve a patente de tenente. Em seguida, retornou ao Brasil e se estabeleceu em Rio Preto, associando-se a um tio que comercializava cereais e café. Em 1922, Negrelli tornou-se secretário da Associação Comercial e Industrial de Rio Preto (ACIRP). Influenciado pelo fascismo em ascensão na Itália, mantinha vínculo direto com o Partido Fascista Nacional italiano, fundando em 1924 uma célula fascista em Rio Preto. No ano seguinte, retornou à Itália para receber do próprio Mussolini o título de *Cavaliere della Corona*. Dinâmico, tornou-se agente consular na cidade e presidente da *Società Cesare Battisti*. Neste mesmo ano, liderou os esforços para construir na cidade o primeiro autódromo com propósito exclusivo para corridas de carros no Brasil (Brandi, 2024, p. 262). Da inauguração do autódromo de Rio Preto em dezembro de 1926, participaram o “Conde Matarazzo, que levou uma Bugatti de sua coleção, o industrial Carlos Jafet e o almirante Antônio Luís von Hoonholtz, mais conhecido como Barão de Tefé, avô de Manuel Antônio de Tefé, um dos principais pilotos brasileiros da primeira metade do século XX” (Santochi, 2022).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> O Autódromo de Rio Preto, rebatizado em julho de 1927 como Autódromo Carlos de Campos (em homenagem ao governador, falecido em abril), teve um final abrupto. Em 1928, Negrelli,

Na época, a *Società Cesare Battisti* e Negrelli, seu presidente, de certo modo se distanciavam do mutualismo vigente na maioria das associações italianas do interior paulista. Conforme anunciado, o programa da *Società*, de caráter mais elitista<sup>4</sup> e “descartando a falsa piedade de um mútuo socorro vão, ao invés disso, prefere perseguir o nobre objetivo de elevar um pensamento itálico no Brasil, visando forjar relações cada vez mais íntimas entre os dois povos e tornar mais conhecidas as tradições do nosso país”<sup>5</sup> (Corinaldesi, 1925, p. 12). O próprio Negrelli assina o prefácio da obra que, já no primeiro parágrafo, adianta dois dos pilares da narrativa étnica empreendida.

É com orgulho que escrevo o prefácio de uma publicação que, ilustrando a obra dos italianos destes vastos e ricos municípios,<sup>6</sup> quer alcançar o elevado propósito de tornar cada vez mais unidos e mais conhecidos os grandes pioneiros italianos entre si, o gênio e a ousadia laboriosa que são as grandes exigências da nossa raça emigrante (Negrelli, 1925, p. 3).

De um lado, a exaltação da laboriosidade italiana, diga-se de passagem, “seja no campo agrícola, quanto industrial ou profissional”, que atesta “que grandes alturas nossos pioneiros conseguiram alcançar, e isso serve para elevar cada vez mais as figuras majestosas de muitos trabalhadores intrépidos” (Negrelli, 1925, p. 3).

Por outro lado, a conclamação à união e à fraternidade entre os conterrâneos, um tema necessário em função dos conflitos decorrentes da diversidade de identidades culturais e linguísticas entre emigrantes procedentes de diferentes regiões da Itália (Truzzi, 2015, p. 87-98). De fato, pelo menos em duas ocasiões o texto chama a atenção para tal necessidade, em tom de certo modo repreensivo aos italianos que desdenhavam as associações ou no seio delas alimentavam as discórdias. A *Società Italiana Dante Alighieri*, fundada em 1923 em Potirendaba, município distante cerca de trinta quilômetros de Rio Preto

---

seu idealizador adoeceu, partiu para a Itália em busca de tratamento, mas acabou falecendo em novembro, em Trento (SANTOCHI, 2022).

<sup>4</sup> Para outro exemplo associativo no mesmo sentido, consultar Mina (2022, p. 129).

<sup>5</sup> O lema da *Società* era *Haec est Italia diis sagra* (Essa é a Itália, sagrada para os deuses).

<sup>6</sup> O *Album* reúne informações sobre os italianos não apenas de São José de Rio Preto, mas também de Potirendaba, Catanduva, Taquaritinga, Cedral, São Lourenço do Turvo, Matão, Dobrada, Engenheiro Schmitt, Santa Adélia e Cândido Rodrigues.

... conta atualmente com 200 sócios, mas poderia haver outros 400 se elementos ativos assumissem a liderança. Nosso orgulho de italianos nos leva a chamar todos os filhos da Itália expatriados em Potirendaba para fazerem parte da Dante Alighieri. Em 1925, por esforço de alguns, a sede social já em construção estará concluída e teremos o prazer de ver todos os italianos de acordo em dar vida e impulso a uma associação eminentemente patriótica e beneficente. Esperamos que esta nova era de harmonia e fraternidade surja em breve e que sirva para valorizar a mente e o braço do filho da Itália no exterior (Corinaldesi, 1925, p. 101).

Em Taquaritinga, distante cerca de 130 quilômetros de Rio Preto, a reprimenda foi mais severa em relação à também *Società Dante Alighieri*, fundada em 1912,

com o propósito da união, da instrução, da educação moral e beneficência entre os italianos e para manter e desenvolver o sentimento, o espírito de fraternidade entre os conterrâneos e o mútuo respeito em relação a outras associações, sejam nacionais ou estrangeiras. Tal escopo, mantido intacto até poucos anos, está atualmente naufragando. De quem é a culpa? Não cabe a nós examinar uma instituição italiana que, até 1924, conseguiu manter elevado o seu prestígio dando vida a uma escola italiana frequentada por mais de 100 alunos de ambos os sexos, cujas aulas se encerraram neste ano!! Os patriotas de ocasião deveriam falar menos e fazer mais, menos prosa e mais amor à Pátria; italianos puros que amam sua Pátria deveriam definitivamente se unir, depurando o ambiente. Dar vida a uma escola italiana é obrigação moral e material da numerosa colônia de Taquaritinga, e esperamos que surja em breve uma nova era para a Dante Alighieri e que seu programa de instrução e beneficência retorne aos bons tempos de outrora (Corinaldesi, 1925, p. 195).

Um terceiro elemento, também perceptível e articulado aos dois primeiros, é a referência constante, tanto à pátria de origem, quanto à terra de adoção. Assim, a operosidade do trabalhador italiano traria o progresso à humanidade e a prosperidade ao Brasil, ao mesmo tempo em que “a união, a fé e a constância nos fazem prosseguir na nobre missão, porque a Pátria se orgulha das conquistas de seus filhos” (Negrelli, 1925, p. 3).

O conjunto de tais referências se manifestam na dedicatória da obra ao homenageado:

À Sua Excelência Pietro Badoglio, General da Vitória, os italianos da Araraquarense que, por meio da Agricultura, Indústria e Comércio, souberam e quiseram elevar o nome da Itália no exterior, jamais esquecidos da Pátria, sob os auspícios da Società Cesare Battisti di Rio Preto, no décimo aniversário da Grande Guerra, renovam sua fé no grande destino da Itália (Corinaldesi, 1925, p. 5).

Aliadas às informações sobre Rio Preto elencadas pelo prefeito e já referidas anteriormente, são estes os conteúdos, ilustrados por fotos<sup>7</sup>, presentes nas primeiras quinze páginas iniciais do Álbum. Nas restantes 234 páginas, ricamente ilustradas, seguem apresentações, em cada um dos municípios, dos vários empresários e suas respectivas firmas construídas no meio rural, na indústria, no comércio e nas profissões exercidas por italianos. É interessante reforçar alguns pontos sobre os quais a narrativa étnica é erigida.

Como já mencionado, há um enaltecimento evidente à laboriosidade, ao empenho, à “vontade mais férrea e mais tenaz que possa imperar sobre um homem decidido a vencer na áspera luta pela vida”, à “férvida inteligência e aos braços robustos” dos biografados, descritos em uma grande variedade de negócios e ofícios, alguns humildes como donos de bares, padarias, pensões, barbearias, tipografias, oficinas mecânicas e pequenos comércios, passando por atacadistas, construtores, proprietários de máquinas de beneficiamento de grãos, de hotéis, de casas de torrefação, até médicos, farmacêuticos e proprietários de fazendas e sítios.

Não é incomum a troca de ofícios e negócios no interior de uma mesma biografia, expressa na metáfora otimista de Corinaldesi: “A vida de todos os emigrantes é um cinematógrafo. De um trabalho passam facilmente a outro mais conhecido, conseguindo quase sempre alcançar o desejado bem estar” (Corinaldesi, 1925, p. 109).

Por vezes, dependendo da trajetória, alude-se à passagem difícil pelo colonato na fazenda, qualificada por um deles como “fazenda do desengano”, mas também como “primeiro degrau de uma cansativa escada” (Corinaldesi, 1925, p. 26), por outro, como “fatigante”, embora nobre e indispensável, “eterna alternância de suor, sacrifício e dificuldades” (Corinaldesi, 1925, p. 75), por outro ainda como passo para a independência: “*Bisogna rendersi indipendenti (É preciso se tornar independente)*, dizia entre uma enxadada e outra aos irmãos Giovanni, Eugenio, Basilio e Giuseppe, e a independência, quando se tem boa vontade e bom braço, sempre se consegue” (Corinaldesi, 1925, p. 170). De fato,

---

<sup>7</sup> De Federico Corinaldesi, de Pietro Badoglio, da sede, escola e agência consular que funcionavam na *Società*, de todos os membros de seu Conselho Diretor, e de Romoaldo Negrelli.

a passagem pelo colonato, referida em várias biografias como dura e custosa, faz o papel de ressaltar o tamanho da conquista:

Foi, como quase todos os italianos emigrados, um modesto colono. Na úbere São Carlos, levou esta fatigante vida por bons nove anos. A alma italiana, eternamente atizada pelo ideal de independência econômica e moral, nele se desperta e o laborioso colono de São Carlos se torna em 1913, após uma vida de economia e trabalho, o sitiante de Taquaritinga. Mais adiante ainda devia andar. Mais adiante... e Egidio Ballarotti foi o fundador daquele núcleo sorridente e industrial que hoje é Engenheiro Schmitt (Corinaldesi, 1925, p. 79).

Nascido em S. Giorgio (prov. de Mantova) em 1879, na idade de 9 anos, o pai seguindo o êxodo de muitos colonos partia com a emigração ao Brasil. À Leme, para cultivar café por oito anos consecutivos, então à Dobrada por outros cinco anos, depois à Taquaritinga, onde unidas todas as economias familiares, compra terras, juntamente com o pai e o irmão. Esta primeira aquisição, fruto de trabalho e sacrifício, devia com o passar dos anos dar seu fruto e após doze anos de trabalho a fazenda enriquecida de milhares de cafeeiros foi vendida na expectativa de se comprar outras terras a bom preço e numa localidade de um futuro seguro. Erasmo [Roveri] liquida seu capital e em 1912 compra em Engenheiro Schmitt 110 alqueires de terras transformando-as em poucos anos em uma esplêndida fazenda. Aí foram plantados outros 120 mil cafeeiros em completa produção, dezoito famílias de colonos das quais quinze italianas constituem a grande família da fazenda. A produção de café é de cerca de 9 mil arrobas anuais. A fortuna de Roveri é hoje calculada em mais de 1.500 contos próximos a 5 milhões de liras italianas (Corinaldesi, 1925, p. 71).

Nada, porém, se iguala à exaltação do sucesso alcançado pelos irmãos Geremia e Ricardo Lunardelli, cuja família chegou em 1887, proveniente de Treviso.

Lunardelli! Um nome... uma história de colono... uma vida próspera... uma avalanche de milhões! Lunardelli! Um nome... um mito... um objetivo perseguido pelo bom camponês italiano! Lunardelli! Um nome... um tremor... uma procissão de sacos... e sacos... É o rei do café.

Segue-se então, como nos casos anteriores, a trajetória familiar ao longo de várias cidades:

Jundiaí, Rio Claro, Ribeirão Preto, Olímpia, Catanduva, Noroeste... não são que etapas (...) Na verdade de fato possuem três milhões e cem mil pés de café. O valor? E quem pode calcular esta enorme riqueza sem fim? Creio que se aproxima com passos céleres e seguros a ser o fazendeiro mais rico de todo o mundo. Italianíssimo, na adversidade como na prosperidade, os Lunardelli são sempre onde surge um evento, uma obra, um farol de italianidade (Corinaldesi, 1925, p. 134).

Em outros termos, o mais bem sucedido dentre todos os italianos da região deve servir de “farol” para iluminar as mentes de todos da colônia, advertindo sobre a responsabilidade de cada um em cultivar suas origens e louvar a pátria distante. Ainda que – note-se logo o silêncio a esse respeito - essa pátria fosse a mesma que os expulsou como emigrantes e que ao longo de pelo menos três décadas após o início da migração em massa, os tenha praticamente relegado à sua própria sorte. Entretanto, o *Album*, ao celebrar a visita de Badoglio a Rio Preto, também indiretamente celebra o novo governo a que este serve, anunciando que na Itália os tempos são outros, convocando os conterrâneos a se mobilizarem em prol do novo regime estabelecido em outubro de 1922.

Diferentemente do descaso habitual praticado pelos governos anteriores, o governo fascista passou a enxergar com interesse a preservação dos laços da coletividade italiana com a pátria mãe, tendendo a ver os imigrantes [sobretudo os bem sucedidos] como representantes e propagandistas potenciais dos interesses econômicos e políticos de uma nova Itália, que redefiniria positivamente seu papel no cenário das nações (Truzzi, 2015, p. 101).

O *Album* abriga, portanto, vários sentidos. Em primeiro lugar, é informativo sobre a nova orientação do governo italiano em relação aos conterrâneos fora da pátria (Trento, 1986). Também abrange um sentido pedagógico, de formação étnica que, ao ilustrar trajetórias, define os atributos de um italiano exemplar: a disposição ao trabalho, a gratidão pelo acolhimento no país de destino e o zelo pelas origens e cultura italiana. Por fim, associado a este último elemento, um sentido militante, de convocação ao engajamento nas associações e, mesmo que indiretamente, ao *fascio* inaugurado em Rio Preto por Negrelli no ano anterior à publicação.

Por fim, outro ponto interessante é que, não raramente, os sucessos e qualidades dos italianos se associam explicitamente à noção de raça, como nas adjetivações: “insuperável raça itálica”, “ressaltar seu nome que é digno de nossa raça” (Corinaldesi, p. 134 e 53), transmissíveis aos filhos: “o sangue italiano não mente”, “se transfunde a nossos filhos e lhes dá a virtude já lendária de nossa raça” (Corinaldesi, 1925, p. 61 e 54).

A raça italiana garantiria assim a transmissão e perpetuação de seus valorosos atributos junto às gerações posteriores e constitui um dos

elementos de sustentação da pregação fascista (Biddiss, 1969). Evidentemente, no contexto paulista, tal peroração embute, ainda que de modo implícito, a desvalorização de outras raças e a afirmação como brancos (Truzzi 2015, p. 39), sobretudo se levarmos em conta o contexto eugênico, de valorização de hierarquias raciais e o ideal de embranquecimento vigentes à época. Afinal de contas, grupos que se auto-racializam de modo positivo, criando um senso de coesão entre os membros de uma dada coletividade, também racializam outros de maneira negativa, delineando fronteiras, negociando uma posição social favorável ao próprio grupo e, inevitavelmente, buscando impor relações de poder sobre outros grupos subalternizados (Barth, 1998; WIMMER, 2008). Passemos agora a examinar nosso segundo álbum.

### ***Album Ilustrado da Comarca de Rio Preto***

Publicado em sua primeira edição em 1929<sup>8</sup>, o *Album Ilustrado da Comarca de Rio Preto* foi organizado por Abílio Abrunhosa Cavalheiro, tendo como diretor técnico Paulo Laurito, e contém nada mais nada menos que 1153 páginas. Cavalheiro, nascido em 1891 na freguesia de Longroiva, distrito da Guarda, realizou estudos jurídicos em Portugal, mas em 1918 emigrou ao Brasil, dedicando-se à carreira jornalística. Em parceria com Sylvio Floreal, foi fundador na capital paulista da revista *A Flexa*. Após o malogro da mesma, Cavalheiro estabeleceu-se em 1925 em Rio Preto, onde fundou o *Jornal de Rio Preto* e também o *Diário de Catanduva* (Arantes, 1997, p. 94; Silva e Campos, 2021, p. 7).

Também se associou ao projeto do *Album* o fotógrafo Theodoro Demonte que, no entanto, teve desavenças com os outros autores e só aparece citado à página 408, embora tenha custeado a produção do livro e arcado com parte do prejuízo após a venda dos 5 mil exemplares.<sup>9</sup> De qualquer modo, apesar (ou por causa) de sua monumentalidade, do ponto de vista

---

<sup>8</sup> Assim como o álbum anteriormente analisado, o *Album Ilustrado* também foi republicado, por iniciativa de Roberto do Valle, em uma nova edição, meio século após sua impressão original de 1929 e mais de uma década após o falecimento de Abílio, ocorrido em 1966 (Silva e Campos, 2021).

<sup>9</sup> <https://livrosdefotografia.org/publicacao/42414/album-illustrado-da-comarca-de-rio-preto-propaganda-regional-do-estado-de-sao-paulo-zona-araraquarense-1927-1929>



econômico, o projeto foi à época um fracasso, devido ao alto custo da impressão, finalizada em papel *glacé* e que incluiu mais de 2 mil fotos, algumas delas coloridas. Na página de rosto da obra consta o escudo do estado paulista e, abaixo dele, a menção “Propaganda regional do estado de São Paulo – Zona Araraquarense”, indicando que haveria apoio financeiro do estado. De fato, mais de trinta páginas iniciais, com fotos, foram dedicadas a diversas autoridades: presidente Washington Luís, governador e candidato à presidência Julio Prestes, vice-presidente Heitor Penteado, o candidato ao governo do estado Ataliba Leonel, vários secretários, chefe de polícia, presidente dos legislativos paulista e paulistano e prefeito da capital. Ocorre, porém, que o *crash* da bolsa americana ocorreu menos de um mês após a impressão da obra pela Casa Editora Duprat – Mayença em São Paulo. Tudo indica que o apoio oficial não saiu, ou saiu muito aquém do esperado, o que frustrou os envolvidos na empresa. Silva e Campos (2021) apuraram, por exemplo, que após a publicação do *Album*, toda a família de Paulo Laurito foi levada à falência.

Figura 2 - Página de rosto do *Album Ilustrado da Comarca de Rio Preto*.



Fonte: Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 3

A obra foi concebida com o objetivo de se apagar o passado violento de conflitos e crimes envoltos em uma cultura própria de uma zona de fronteira, de uma “boca de sertão”, como se dizia à época, considerada atrasada e inculta, inicialmente povoada por nativos bárbaros selvagens, conforme indica a figura 3<sup>10</sup>. “Essa foi a sorte de Rio Preto”, prossegue o autor.

Nasceu ao acaso sobre o influxo de uma cidade errante e desnordeada, que não tinha dinheiro nem casaca (...) veio o crime e a desordem, provocadas pelo açambarcamento daquilo que já estava açambarcado, pondo em atividade toda a sorte de chicanas e instituindo a praga dos ‘grilos’ como meio fácil de extorquir direitos já adquiridos, sobre as terras de Rio Preto (...) Daí sucedem-se crimes após crimes ficando Rio Preto por um longo espaço de tempo, reduzido à inaniidade e ao terror (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 72).

De fato, Silva observa que ficaram

famosos os casos de grilagem de terras na região, motivo de diversos crimes entre proprietários e negociantes de terras (Monbeig, 1984, p. 145), que somados aos embates com a população indígena, especialmente nas regiões próximas à margem esquerda do Tietê, (Ghiradello, 2002, p. 41-43), completavam o cenário de horror que conformava a imagem negativa tida por Rio Preto naquele período (Silva, 2023, p.14).

Tal imagem não mais se coadunava com o progresso e a modernidade, simbolizada pela chegada da ferrovia em 1912, “o início de uma fase de ouro completamente diversa da fase primitiva” (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 74-5), na qual seu território foi definitivamente incorporado à economia cafeeira de exportação, resultando na atração de um número significativo de imigrantes e em um vertiginoso crescimento urbano.

‘É preciso pois que se faça a propaganda criteriosa de Rio Preto para que a nossa terra seja conhecida como realmente ela se apresenta pelo seu progresso, pela sua civilização e pela cultura de seu povo’, anunciava o periódico local *A Notícia*, em 8 de fevereiro de 1929. Na capital, o próprio *Correio Paulistano* derramou elogios à iniciativa: ‘Vê-se a cidade opulenta. Cada página, à medida que se vai passando às outras, mostra um detalhe de um aspecto. Quando se chega ao fim do Album é como

---

<sup>10</sup> É interessante observar, como me alertou Antonio Sergio Guimarães, que na figura 3 o inimigo por excelência é o índio, e não o negro, já que este fora há muito incorporado na hierarquia social.

se tivesse percorrido, parte por parte, todo aquele pitoresco e promissor recanto paulista' (Silva, 2023, p. 14 e 16).

Figuras 3 e 4 - “Como Rio Preto é visto pelos olhos da ignorância” e “Como Rio Preto poderá ser visto dentro de meio século”.



Fonte: Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 69 e 89.

Foi com esse intuito, portanto, que Cavalheiro organizou o *Album*, do qual fez constar todo um capítulo denominado *Galeria das Raças*, deste constando um subitem de quatro páginas, designado *A Colonia Italiana na Comarca de Rio Preto*.

Inicialmente, são apresentadas as credenciais do Dr. Alvaro Rea, “vice-cônsul da Itália em Rio Preto e clínico dos mais conceituados”, que havia se estabelecido na cidade há apenas dois anos. Rea é saudado como “orgulho da raça” por seu “admirável espírito de patriotismo sobre os seus compatriotas, aos quais transmite pelo exemplo da ordem e do trabalho, essa força

imperiosa que torna os indivíduos ciosos do seu dever para com a Pátria e para com as próprias sociedades onde vivem”. (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 635). Mais uma vez, a dupla menção à pátria de origem e ao país de acolhimento, fórmula infalível para se precaver tanto das gabações exageradas quanto dos olvidos ocasionais em relação a uma ou outra nação.

Com não poderia deixar de ser, outro elemento comum à narrativa étnica anteriormente analisada situa-se na laboriosidade da colônia, “cuja força de ação se dilata em todos os ramos de atividade”. Nesse ponto, o autor atribui ao italiano um elemento diferencial, pois enquanto “quase todas as raças revelam vocações especializadas para determinadas ocupações”, aquele, “e de resto, todos os seus irmãos latinos, alteram fundamentalmente a regra, pela facilidade com que se adaptam a todos os misteres (...) desde as profissões livres exercidas nos centros urbanos, até ao trabalho rude nas zonas rurais” (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 635).

A menção aos irmãos latinos, provavelmente portugueses (afinal, o próprio autor é português) e espanhóis, prepara o terreno para o contraponto destes com outras correntes recentes que à época demandavam o estado:

Caras exóticas ou mesmo bonitas, vindas da Rússia, da Polônia, da Áustria, da China ou até talvez do inferno, afigurando-se-nos desde logo com este exórdio rumoroso de gente estranha, um novo impulso na lavoura ou na indústria, certo de que todos esses braços se vão por em movimento auxiliando-nos com dedicação a incrementar a riqueza de nossos campos ou de nossas fábricas. Puro engano: as mesmas caras maceradas e tristes que ontem vimos de farnel às costas em demanda da capital, são as mesmas que hoje enxameiam as ruas da cidade em atitude principesca, explorando belchiores, bares, botequins, casas de batota, comércio ambulante de bugigangas, ou em último caso, explorando a carne faminta das escravas brancas que trazem consigo e que mercadejam depois a preços de leilão. Ora, tal casta de imigrantes não pode naturalmente comparar-se àquela que vem reunir o seu ao nosso esforço” (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 636).

Evidentemente, trata-se de uma apreciação bastante preconceituosa em relação aos novos fluxos cada vez mais abundantes ao longo dos anos vinte, e também bastante positiva do elemento italiano. Tal apreciação será ainda desdobrada com destaques em diferentes setores de atuação. Sempre segundo nosso autor, no campo, “o lavrador italiano contraria a regra geral, que guiada por um rotinismo empírico, não cuida como aquele da cultura

variada dos diversos produtos que a terra pode dar em abundância”.<sup>11</sup> No comércio, diz ele, sua situação não é inferior a qualquer outra, “pois encontram-se por toda a Comarca grande número de estabelecimentos bem montados”. Por fim, “a indústria, resumida até agora ao beneficiamento do café e cereais ou algumas fábricas de laticínios, também pertence em grande parte à colônia italiana” (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 636).

Também, e consoante à época em que foi publicado o *Album*, Cavalheiro se dedica a comentar, até mais enfaticamente que o álbum anterior dedicado a Badoglio, a política fascista e seu impacto sobre os italianos domiciliados em Rio Preto. Já de início trata Mussolini como “gênio da raça”, ao afirmar que “sua envergadura moral e política vista em confronto com as dos demais estadistas do mundo, dá-me a ideia de um gigante afagando a careca de um exército de anões”. Reforça que ninguém poderia imaginar que,

numa Itália revolucionária, acometida de crises constantes consequentes da debilidade econômica que atacou o coração de todas as nacionalidades logo após a guerra, (...) surgisse do meio da turba malta rebelde e desorientada, uma figura humana com força suficiente para conter o cataclisma social e restaurar a ordem à ponta de baioneta (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 637).

Entretanto, concede que ao *fascio*, de vez em quando “atribuem-se arremetidas pouco corteses”, e que o *Duce* italiano “não conseguiu agradar a todos e é mesmo entre seus próprios patrícios que as opiniões divergem fundamentalmente umas das outras (...) Os fascistas e antifascistas de Rio Preto, para não fugir à regra, também têm os seus arrufos íntimos de vez em quando; mas é só entre eles!” Nesse ponto, conclui que

os italianos têm razão e mostram ser mais patriotas do que nós (...) Se nós fizéssemos a mesma coisa quanto ao nosso país, à nossa política e aos nossos homens políticos, escusávamos o dissabor de ver o nome de nossas instituições achincalhado por qualquer borra-botas vindo nem se sabe de onde (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 638).

---

<sup>11</sup> Tal menção, por óbvio, ignora a contribuição da imigração japonesa neste aspecto específico.

Cabe mencionar que o *Album*, tal qual o anterior, abriga ainda biografias de indivíduos de destaque da colônia italiana à época, todas elas ilustradas com fotografias<sup>12</sup>, além dos profissionais liberais, comerciantes, industriais, fazendeiros e sitiantes de origem italiana constantes na seção *Parte Comercial e Industrial de Rio Preto* e na seção *Vida Agrícola e pastoril da Comarca de Rio Preto*, respectivamente.

### **Entre enquadramentos e esquecimentos: considerações finais**

Analisamos neste artigo como a imagem dos italianos foi representada em duas publicações dos anos vinte do século passado em municípios da região da Araraquarense, na época uma das mais prósperas do oeste paulista.

Há, evidentemente, pontos em comum que são reiterados nas duas narrativas étnicas. Em primeiro lugar, são patentes os esforços dos dois álbuns em ressaltar a laboriosidade do imigrante italiano, qualificado como “lutador indômito” (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 625), presente nos mais variados campos de atividade. Além disso, ambas se equilibram ao saudar a pátria de origem e o país destino, tanto para assegurar a propagação e transmissão dos valores positivos da raça italiana, como para não deixar dúvidas em relação à brasilidade das gerações aqui nascidas. Ambas também recorrem em suas páginas à fixação da memória dos bem sucedidos, como meio de exaltar as contribuições e o valor dos italianos para a região, elencando perfis biográficos, empresas que construíram e ofícios e profissões a que se

---

<sup>12</sup> Como nos casos de: Humberto Delboni (filho de italiano, nascido em Jaboticabal e diplomado em 1911 pela Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo. Estabelecido em Rio Preto três anos depois, quando abriu uma farmácia, foi vereador eleito pelo Partido Republicano Paulista ao final dos anos vinte, quando o *Album* foi publicado), José Bignardi (na época Engenheiro e Diretor de Obras Públicas do município), Major Leo Lerro (nascido em uma pequena aldeia da província de Campobasso, estabeleceu-se em Rio Preto em 1904, sendo pouco depois nomeado tabelião de notas da comarca, vereador por várias legislaturas, prefeito (1915-1917) e chefe político local), Eugenio Romano (nascido em Rossano [Cosenza], engenheiro formado na Itália, que chegou ao Brasil em 1912 e trabalhou em obras do governo do estado em várias localidades do interior. Estabeleceu-se em Rio Preto em 1925, onde passou a dirigir a empresa fornecedora de águas e responsável pelo esgoto na cidade), Carminé Laurito (comerciante italiano nascido na província de Salerno, chegou ao Brasil em 1891 e estabeleceu-se primeiramente em São Carlos e, a partir de 1910, em Rio Preto. Seu filho Paulo foi um dos idealizadores do *Album*), Francisco De Carli (veneziano, estudou pintura artística em sua terra natal e chegou ao Brasil em 1918, estabelecendo-se no interior do estado), além do próprio Romoaldo Negrelli (em 1929 já falecido).

dedicaram. Tudo isso se refere aos esforços no sentido de fixação, de enquadramento da memória do grupo.

Há também, contudo, omissões, esquecimentos comuns: a de que os imigrantes italianos foram trazidos para substituir os negros nas fazendas de café; a de que houve muita imigração de retorno, alimentada, pelo menos em parte, pelos fracassos das experiências migratórias; a de que muitos (senão a maioria) ainda permaneciam trabalhando sob o regime do colonato (não se tratando, pois, apenas de uma fase do passado); das dificuldades de coesão do grupo advindas das identidades culturais e regionais por vezes bastante distintas; a de que a pátria querida é a mesma que os expulsou (porém agora reorientada e revalorizada pelo regime fascista).

Há também diferenças significativas entre as duas obras. A primeira delas foi idealizada sob os auspícios da *Società Italiana de Rio Preto*, presidida por Romoaldo Negrelli que, embora nascido em Ribeirão Preto, foi educado na Itália e mantinha fortes laços sociais, culturais e políticos com este país. Trata-se, ademais, de uma publicação em italiano, escrita por Federico Corinaldesi, um jornalista italiano e, portanto, dirigida à colônia italiana, especialmente retratando as elites da região com origens peninsulares. Ressaltamos os sentidos informativo, pedagógico e militante desta publicação, que se coadunam com a trajetória de engajamento social e político de seu idealizador.

A obra evidencia o trabalho de formalização, estabelecimento e enquadramento da memória (como nos lembra Pollak) associada aos italianos da região, levados a cabo por seu idealizador e por seu autor. Em narrativas étnicas, um dos elementos mais relevantes para a constituição de uma memória a ser fixada são os interesses do próprio grupo étnico, que busca afirmar uma determinada imagem na sociedade que o recebeu. Tal imagem a ser perseguida recorre, tal qual ocorre com processos identitários, a aspectos que dizem respeito tanto à conquista e preservação de uma posição frente a outros estratos, quanto a condutas adequadas, exemplares (em contraposição às proscritas, banidas) de indivíduos, no sentido de preservar e fortalecer a unidade interna ao grupo e sua coesão (Tilly, 1990, p. 92; Mina, 2022, p. 252). Já o *Album da Comarca* objetiva consumir o esquecimento de um passado tenebroso, marcado pelos conflitos, pela violência e pela barbárie e instituir

uma narrativa regional de progresso e modernidade. Também aqui, esquecimento e enquadramento, nos termos de Pollak.

Como é realizada tal operação? Os tempos obscuros são associados aos pioneiros, aos posseiros, aos grileiros e seus crimes, à falta de justiça, à mata secular e intocada dominando a paisagem, à presença indígena, aos animais selvagens, ao trabalho escravo, à época na qual tudo ao redor não passava de um sertão longínquo e bruto.

Por oposição, os tempos atuais de progresso, modernidade e civilização são associados à chegada da ferrovia e, junto com ela, dos imigrantes (em sua maior parte italianos), à instauração da Comarca (que dá título ao *Album*) e das leis, ao horizonte distante que, ao invés da selva, delimita uma paisagem agora ordenada pelas ruas dos cafezais.

Ora, no pequeno trecho de quatro páginas do *Album* analisado, os italianos são apresentados como coprotagonistas desse processo, sob a batuta de seu vice-cônsul, mas não são os agentes exclusivos dessa transformação.

Mas, não vamos falar do milagre sem citar o santo. No grande campo de realizações fecundas de onde nos tem vindo a grandeza imensa que hoje desfrutamos todos, há incontestavelmente um fator de ordem moral e econômica que não podemos nem devemos olvidar (...) Esse fator, que não é outro se não o braço estrangeiro animado à luta com a terra para conquista e posse das suas riquezas, pode-se dizer que sem o seu concurso, difícil nos teria sido o domínio de todos os elementos adversos à exploração do solo virgem, então saturado de perigos de toda a espécie (...) Os primeiros colonizadores respeitaram a lenda detendo-se às portas da mata como que receosos de entrar num abismo. Os contemporâneos, ou seja, os que se uniram à onda imigratória que veio constituir a segunda fase da colonização, esses, ao contrário dos primeiros; em vez de estacionarem em dois palmos de terra transidos pelo pavor da vida selvagem, investiram contra ela, golpeando a floresta a machado e expulsando ou dominando os silvícolas, que mais ferozes que as próprias feras constituíam realmente grande perigo para a gente civilizada que demandava os sertões de Rio Preto (Cavalheiro e Laurito, 1929, p. 624).

Tudo se passa como se a ação dos imigrantes, por si só, tenha modernizado a região. Nem as elites oligárquicas, que afinal de contas trouxeram a ferrovia à região, são mencionadas.

O trecho acima citado serve de introdução a um capítulo do *Album* denominado *Galeria das Raças*, no qual o autor pretende manifestar “o reconhecimento, que os brasileiros sabem ter honesta e sinceramente pela



prosperidade do Brasil, pátria comum de todas as raças” (Cavalheiro e Laurito, 1925, p.621). Porém, apenas as “raças” estrangeiras - colônias síria, espanhola, italiana e portuguesa - são homenageadas. Não há menção à população negra, ao passo que os “mineiros” são reconhecidos *en passant*, por terem fornecido grandes contingentes à região, devido à proximidade do estado vizinho. A exclusividade dos imigrantes na *Galeria das Raças* reproduz assim o crivo entre estrangeiros e nacionais, ao mesmo tempo em que revela o sentido racial da ação dos organizadores da obra. As raças a serem homenageadas são indiscutivelmente brancas, sugerindo que os não brancos (pretos, mulatos, caboclos e índios) estão associados à fase anterior, incivilizada, devendo, portanto, ser excluídos da homenagem.

A título de conclusão, observa-se que, na qualidade de obras de celebração – de um grupo étnico e de uma região – ambas recorrem a conteúdos associados ao passado e ao presente no sentido de instituir uma memória oficial a ser fixada, enquadrada, nos termos de Pollak.

A primeira delas, *Gl' Italiani dell'Araraquarense*, busca fixar um território de memória para os italianos presentes na região. A narrativa é essencialmente étnica, a região entra como coadjuvante. A segunda, o *Album da Comarca de Rio Preto*, busca fixar uma memória adequada para o território da região, reformando sua má fama associada ao passado. Na obra como um todo, a narrativa tem por foco o espaço da região (a comarca), e os italianos analisados entram como coadjuvantes.

Nesse esforço, as duas publicações podem ser entendidas como produtos da ação de agentes (autores, idealizadores e instituições que as promoveram) interessados em “enunciar suas identidades, negociá-las e empregá-las para a mobilização coletiva” (Alves, 2019, p. 5). Nesse processo, ao elencar um conjunto de atributos e associá-los a um determinado grupo étnico, acabam demarcando simbolicamente fronteiras sociais.

Deste modo, provavelmente o ponto mais importante seja observar a reiteração nas duas obras de uma ética de valorização do trabalho (o que até a abolição era pouco usual), que traria o progresso e a modernidade, tendo como protagonistas os italianos (e de modo geral os imigrantes desejados), na qual características de origem e culturais destes acabam por construir na região (e possivelmente de modo geral em todo o Oeste Paulista) um lugar racializado, já que determinados atributos positivos são naturalizados como

marca de origem e tal marca transmuta-se em uma marca de cor, associada ao ideal da branquitude, ainda que o mesmo não seja enunciado de modo explícito (Guimarães, 2002, p. 105 e 127).

## Referências

ALMEIDA, A. T. **Oeste Paulista: a experiência etnográfica e cultural**. Rio de Janeiro: Alba, 1943.

ALVES, B. W. **Brasileiro, branco: a fronteira da branquitude no Paraná**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ARANTES, L. **Dicionário Rio-pretense**. A História de São José do Rio Preto em verbetes de A a Z. São José do Rio Preto: Ed. Rio-pretense, 1997.

BARTH, F. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. *In*: POUTIGNAT, P. (ed). **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

BIDDISS, M. D. “Fascism and the Race Question: A Review of Recent Historiography”. **Race and Class**, 10(3), 1969.

BRANDI, A. **São José do Rio Preto: 1894 – 1907**. O ciclo dos intendentess e a criação da comarca. São José do Rio Preto: THS Editora, 2012.

BRANDI, A. **São José do Rio Preto: 1908-1930**. Evolução pós-intendentess na Primeira República e o impacto da ferrovia. São Paulo: Serifa, 2024.

BURKE, P. **Variedades de História cultural**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

CAVALHEIRO, A.; LAURITO, P. (Orgs.). **Album ilustrado da Comarca de Rio Preto (1927-1929)**. São Paulo: Duprat-Mayença, 1929.

CORINALDESI, F. (Org.). **Gl’Italiani dell’Araraquarense**. Rio Preto – Catanduva - Santa Adélia – Taquaritinga - Mattão. São Paulo: Vida Paulista, 1925.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, 3(5), 2002, p. 314-332.

GUIMARÃES, A. S. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

LUNA, V.; KLEIN, H. **História econômica e social do Estado de São Paulo**. 1850-1950. São Paulo: Imprensa Oficial, 2019.

MILLIET, S. **Roteiro do café e outros ensaios**. São Paulo: Coleção Departamento de Cultura, 1939.

MINA, R. **O Circolo Italiani Uniti: uma leitura sociológica sobre identidades, mutualismo e elite étnica em Campinas (1881-1920)**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Carlos, São Carlos, 2022.

NEGRELLI, R. “Prefazione”. *In*: CORINALDESI, F. (org). **Gl’Italiani dell’Araraquarense**. São José do Rio Preto, 1925.

- NORA, P. (ed.). **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, v. 1-3, 1997.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, 2(3), p. 3-15, 1989.
- POLLAK, M. "Memória e identidade social". **Estudos Históricos**, 5(10), p. 200-212, 1992.
- SANTOCHI, L. "14 anos antes de Interlagos, Rio Preto teve o primeiro autódromo do Brasil". 12/11/2022. Disponível em: <https://projetomotor.com.br/antes-interlagos-rio-preto-primeiro-autodromo-brasil/> Acesso em 3/8/2024.
- SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SILVA, H. "Os tempos da cidade: barbárie e civilização no Album Ilustrado da Comarca de Rio Preto (1927-1929)". **História**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2023022>. Acesso em 21/07/2024.
- SILVA, V.; CAMPOS, R. D. "Álbum Ilustrado da Comarca de Rio Preto (1927-1929): vitrine e epifania da educação paulista." **Revista Brasileira de História da Educação**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v21.2021.e141>. Acesso em 19/07/2024.
- TILLY, C. "Transplanted Networks". In: YANS-MCLAUGHLIN, V. (ed.). **Immigration Reconsidered**. History, Sociology and Politics. New York and Oxford: Oxford University Press, 1990.
- TRENTO, A. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1986.
- TRUZZI, O. **Italianidade no interior paulista**. Percursos e descaminhos de uma identidade étnica. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.
- TRUZZI, O. e VOLANTE, J. P. "Percursos migratórios intergeracionais e dinâmicas de implantação de imigrantes estrangeiros no oeste paulista (1880-1950)". **Tempo Social**, v. 31, p. 161-191, 2019.
- WIMMER, A. "The making and unmaking of ethnic boundaries". **American Journal of Sociology**, 113 (4), 2008, p. 970-1022.
- ZANINI, M. C. "Um olhar antropológico sobre fatos e memórias da imigração italiana". **Mana**, 13(2), 2007, p. 521-47.